

# Reflexões sobre normatividades em música através de práticas composicionais e improvisatórias



paz no plural

Autor: Nikolas Gomes Ferranddis

Orientadora: Isabel Porto Nogueira

Dentro do Grupo de Pesquisa em Estudos de Gênero, Corpo e Música estamos desenvolvendo o Projeto Linhas de fuga da canção: Lusque-fusque, em conjunto com o Grupo de Pesquisa em Criação Sonora. O projeto Lusque-Fusque consiste em um grupo de práticas composicionais e interpretativas que procuram borrar os limites entre o que viria a ser canção ou não-canção, cruzando ruídos e conteúdos melódicos e harmônicos e por vezes comprometendo a inteligibilidade do texto em prol da sonoridade textural da música.

Nesse projeto venho tocando, discutindo, compondo e improvisando desde o início das atividades de Iniciação Científica e através dessa prática, e em diálogo com o referencial teórico, pude perceber uma mudança na minha maneira de ouvir, perceber e fazer música. Desde o início, nos primeiros ensaios, me questionei quanto ao conteúdo musical que usaria para compor o arranjo e os significados de cada música. Ao tentar improvisar de maneira livre acabava sempre me prendendo a estéticas musicais hegemônicas e de práticas fechadas. Porém, ao longo dos ensaios e apresentações, pude me desprender de práticas mais ortodoxas, dialogando com ideias como o pós-colonialismo de Juan Pablo Gonzalez e a reterritorialização proposta por Gilles Deleuze.

O enfoque pós-colonial me levou a pensar de forma crítica sobre as molduras que demarcam meu lugar de fala, meus marcadores sociais e de gênero como primeiro posicionamento político.

Linhas de fuga é o conceito que dialoga sobre nossa percepção pré estabelecida do território e opera para a desterritorialização, onde o território é percebido como um estriamento de dicotomias que nos conduz a uma noção de sobreposição ou o estabelecimento de uma hierarquia entre as dicotomias. E a desterritorialização surge a partir das linhas de fuga, fugindo e fazendo fugir das dicotomias e suas hierarquias impostas. A transversalidade dessas linhas cria a desordem a partir da ordem, e essa desordem é a desterritorialização propriamente dita.

Deleuze fala sobre a reterritorialização no sentido de transformar o significado dos materiais, usando as linhas de fuga para escapar do senso comum e trazer para sua prática um novo local de significância, um novo território. Bernardo Oliveira usa as reterritorializações ao interpretar usos de vozes em canções fora do objetivo semântico da fala. Esse conceito pode ser transposto para o meu próprio instrumento, o contrabaixo elétrico, tradicionalmente reconhecido por sua função de acompanhamento no registro grave dos sons. Ao passar por um mascaramento proposto por Oliveira, o contrabaixo, com o auxílio de pedais de efeitos eletrônicos, toma os registros agudos e se sobressai sonoramente do papel de acompanhamento, tomando a frente da sonoridade e não sendo mais reconhecível como um contrabaixo elétrico.

Usando como metodologia a investigação artística de Rubén López-Cano e Úrsula Opazo, busco analisar meu próprio processo criativo e de desconstrução musical, observando que a conformação metodológica da investigação costuma ser configurada a partir das demandas de cada processo. Sendo assim, não há, como há na pesquisa científica, necessariamente um resultado a ser obtido. O modo como se dá o processo é tão ou mais relevante do que os resultados. No caso da minha prática musical, a desconstrução de valores hegemônicos é dada pelo processo de auto investigação e o resultado obtido é consequência desse processo, a partir das reflexões propostas e não um objetivo norteado no princípio da pesquisa.



SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA  
XXVIII SIC

paz no plural

